

## PORTAL DA CULTURA POTIGUAR: UMA EXPERIÊNCIA REALIZADA A PARTIR DE MÍDIAS DIGITAIS “CULTURA VIVA ENTRE O SERTÃO E O MAR”

Maria Aparecida da Silva Fernandes<sup>1</sup>

Pablo M. P. Capistrano<sup>2</sup>

Suély Gleide Pereira de Souza<sup>3</sup>

Wagner Oliveira<sup>4</sup>

**RESUMO:** Este artigo visa a, a partir da experiência de produção do Portal de Cultura Potiguar, discutir a introdução das mídias digitais como veículos de integração cultural e de construção da memória e da identidade sócio-cultural potiguar em um sentido diverso do que foi desenvolvido a partir do advento das redes de TV aberta no início dos anos de 1980, bem como a partir de pressupostos diversos daqueles que tradicionalmente condicionaram os estudos teóricos sobre a cultura popular no Rio Grande do Norte.

**PALAVRAS-CHAVE:** Arte, Memória, Identidade Potiguar, Internet, Novas Mídias.

O Estado do Rio Grande do Norte teve como traço histórico e geográfico um povoamento realizado pelos extremos. As áreas mais densamente povoadas, onde se concentram as maiores cidades situam-se no litoral leste (região da grande Natal), no Oeste (Mossoró e Pau dos Ferros) ou na região do Seridó (Caicó e Currais Novos) próximas à fronteira com o Estado da Paraíba. As regiões centrais do Estado não foram largamente povoadas, produzindo um quadro de pouca interação cultural entre a Região Oeste, o Litoral leste e o Seridó, ao sul. Nesse sentido, a cidade de Mossoró e a região das serras (chamada de Tromba do Elefante) teve seu desenvolvimento sócio-econômico ligado às cidades de Aracati e Fortaleza, bem como ao vale do rio Jaguaribe no Ceará. O Seridó, por sua vez, pertencente à Paraíba até o ano de 1821 (AUGUSTO, 1954), teve seu desenvolvimento atrelado de maneira significativa à região do “brejo paraibano”, responsável pela conexão entre o Sertão e o litoral no Estado da Paraíba (MELLO, 2002).

---

<sup>1</sup> Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte. E-mail: aparecida.fernandes13@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte. E-mail: pablo.capistrano@ifrn.edu.br

<sup>3</sup> Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte. E-mail: suely.gleide@ifrn.edu.br

<sup>4</sup> Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte. E-mail: wagner.oliveira@ifrn.edu.br

Esse quadro de povoamento se dá por razões históricas bem definidas. Ao contrário de Pernambuco, da Paraíba ou do Ceará, que desde o tempo colonial desenvolveram em suas capitais, pólos urbanos que atuavam como centros de síntese cultural, econômica e política, o Rio Grande do Norte desenvolveu-se até os anos 80 do século passado como um estado cindido em três esferas de influência divergentes (TRINDADE, 2007). A grande Natal, padecendo de certo isolamento geográfico, submetida economicamente às cidades de Macaíba (onde se localizava o porto que escoava a produção algodoeira do sertão) e Ceará Mirim (RODRIGUES, 2003), até os últimos anos do século XX esteve presa à área de influência de Recife e não tinha força social, urbana ou populacional para atuar como uma síntese das metades cindidas do Estado.

Esse quadro geográfico, econômico e histórico fez com que o Rio Grande do Norte se desenvolvesse sem um fortalecimento de laços firmes de identidade que marcassem um sentimento de “potiguaridade”, de modo a unir esses três núcleos culturais mais importantes do Estado. Isso começou a mudar no final dos anos 70, com a chegada das redes de TV aberta. Inicialmente, a TV Universitária - TVU e, posteriormente, a Rede Cabugi, o SBT, a Rede Bandeirantes. A chegada das mídias eletrônicas, com programas locais e com a retransmissão dos telejornais diários a partir de Natal, produziu o início de um processo de integração cultural que fortaleceu a posição de Natal como centro de produção e divulgação da cultura potiguar.

Nesse sentido, o processo de construção de uma “identidade potiguar” se apresenta atualmente fortemente centralizado na capital, que hoje atua como um núcleo econômico, político e cultural do RN. Esse padrão de construção de eixos culturais segue o modelo de uso das mídias televisivas, que são unidirecionais e que funcionam em um sistema de emissor-receptor de baixa interatividade.

Sob esse aspecto, a construção do Portal de Cultura Potiguar, por meio do projeto de Extensão implementado inicialmente pelo IFRN – Campus Santa Cruz, e que posteriormente (2011) expandiu-se para o IFRN Zona Norte, busca o desenvolvimento de outro modelo de integração cultural que passe pela adoção de novas mídias como a INTERNET e as Redes Sociais. A experiência de construção do Portal de Cultura Potiguar mostra a pertinência de se utilizarem mídias multipolares, a partir de uma experiência de construção multifocal em rede que permita um conjunto de ações de divulgação cultural, bem como uma maior interatividade que permita às diversas regiões do Estado do Rio Grande do Norte

desenvolverem uma integração marcada pela maior descentralização e pela horizontalidade da comunicação.

O projeto Portal de Cultura Potiguar surgiu desta forma, não com a intenção de determinar a partir de alguma visão preestabelecida de cultura popular nascida de pressupostos ideológicos específicos, uma solução para a crise de identidade sócio cultural, por que passa o Estado do Rio Grande do Norte, especialmente a partir de sua capital. Não há uma intenção de “resgate”, nem de “preservação” de espécies culturais ameaçadas de extinção no projeto em questão.

O sentido fundamental do projeto é o de construir uma rede de suporte informacional com o recolhimento de depoimentos dos agentes culturais que atuam com as mais diversas expressões artísticas no Estado, sem que seja necessário, para isso, a adoção de uma postura “preservacionista” ou purista dos estudos culturais. Nesse sentido, o recolhimento dos depoimentos dos mestres de cultura entrevistados e a divulgação virtual desses depoimentos tem como objetivo oferecer aos alunos, aos professores do IFRN que trabalham em sala de aula com questões ligadas à construção da memória e das identidades culturais, ferramentas que sirvam como mecanismos didáticos de problematização do próprio conceito de “identidade potiguar”.

O projeto, em sua primeira fase de execução, demonstrou ser possível a construção de outras ferramentas de integração cultural no Rio Grande do Norte a partir do uso de novas mídias e de um conceito de informação em rede que não repita o padrão centro-periferia marcado pela presença de velhas mídias como as TVs abertas. Os usos dessas tecnologias e o modelo de atuação e de mapeamento empregado no projeto também contornam perspectivas teóricas problemáticas sobre conceitos como “cultura popular”, “povo”, “identidade e memória”. Atuando como um veículo de divulgação da produção artística e cultural do Estado, o Portal de Cultura Potiguar não se propõe a resolver os impasses teóricos derivados da crise em que o cascadismo caiu, na medida em que o eixo cultural do Estado moveu-se em direção a uma Natal cada vez mais urbana, industrial, aberta ao turismo e à influência de migrantes que chegam de diversas regiões do Brasil e do mundo.

O que pôde ser percebido a partir dos mapeamentos realizados, com a contribuição fundamental de agentes culturais locais e alunos do IFRN, é que as expressões artísticas que frutificam no interior do Estado, a despeito das mitologias românticas de extermínio e resistência, continuam fortes e vigorosas, adaptando-se às novas realidades culturais e às

demandas sócioeconômicas impostas pelo desenvolvimento urbano e industrial do Rio Grande do Norte.

A identidade e a memória potiguar são assim, reconstruídas e redefinidas pelos artistas do Estado não a partir de modelos românticos ideais, mas a partir das próprias experiências e demandas do presente, a partir da introdução de novos conteúdos e novas experiências vivenciais.

Antes de servir às ideologias de resistência e preservação nostálgica de reinos antigos, que provavelmente só existem na mente de autores fortes como Ariano Suassuna e Câmara Cascudo, os artistas potiguares com que o Portal da Cultura Potiguar até agora deparou mostram que fazem parte do seu próprio tempo e dialogam com esse tempo criativamente, sem medo de perder o fio da própria arte e os significados de sua própria e misteriosa identidade.

A cultura popular potiguar é criativa e dinâmica, não está presa a uma tradição distante e imutável e não precisa ser resgatada. Reconhecimento, valorização, desvelamento são termos mais apropriados para uma aproximação das expressões artísticas disseminadas pelo interior do estado, do sertão ao litoral, da zona dos canaviais às cidades do entorno da grande Natal.

Há uma cultura viva, que pulsa e se adapta, marcando a atualização da tradição no mesmo ritmo em que se incorporam novos elementos estéticos, formas visuais, tropos retóricos. Os artistas potiguares criam táticas de sobrevivência que garantem um mínimo de preservação e adaptabilidade evolutiva de antigas tradições culturais sem fechar essas mesmas tradições para as demandas do presente. O que há em comum entre o passado e o presente, em termos de gestos, crenças, rituais, saberes... que estão presentes na corporeidade ou na linguagem de cada sujeito?

Existe uma ideia um pouco recorrente e ainda disseminada por esses quintais que a arte que se faz pelas cidades do interior é uma “arte de raiz”, onde “artistas da terra” mantem intactas velhas tradições ancestrais. Esses artistas estariam como que fincados em uma espécie de trincheira cultural. Lutando contra o mundo, que entra pelos sertões e pelos velhos litorais arcaicos através de novas mídias, porta vozes de outras formas de vida social, assassinas do sertão antigo, do litoral da memória.

Mas não foi esse quadro que nós encontramos quando começamos a viajar pelo interior do estado ou pelas cidades do entorno da capital, registrando depoimentos de artistas e disponibilizando essas entrevistas no Portal de Cultura Potiguar (

<http://www2.ifrn.edu.br/culturapotiguar/> ). Esse projeto, nos apresentou uma cultura viva, real, ativa e em constante diálogo com as demandas da modernidade.

O artista ameaçado de extinção, escondido do mundo em seu bunker de formas folclóricas, apegado a um passado decaído talvez exista, mas não é a regra.

Romanceiras como Dona Eudoxia Ribeiro, de Santa Cruz, poetas como Hugo Tavares no Trairi, ou mesmo grupos de Cultura Popular como o Boi Calemba Pintatino (São Gonçalo do Amarante), não são peças de museu. Eles estão vivos, respondendo com sua arte as questões postas pela experiência das suas próprias vidas e do seu entorno sem perder o fio da tradição. Tem os pés fincados na terra, mas sua criatividade está atenta com o horizonte.

O romance de Dona Eudoxia, a despeito de suas formas poéticas tradicionais, com a métrica e a rima que caminham por séculos a partir dos romances medievais não nos leva, exclusivamente, ao passado.

Em 1953, Dona Eudoxia concluiu “A Trama da Família Baianos”. Sem se contentar em repetir as canções que ouvia de outras romanceiras, sem querer apenas reproduzir a tradição que nos conecta com o medievo ibérico, Dona Eudoxia criou sua própria narrativa, seu próprio mito particular, cheio de tropos tradicionais, marcado por histórias que emergem do universo do cordel e do largo inconsciente coletivo dos sertões nordestinos como as dos ciganos que roubam crianças, das moças raptadas para casar, da luta dos heroicos namorados contra as forças dos pais das donzelas que se opõe ao casamento.

Mas esses velhos tropos dos romances tradicionais aparecem em um mundo tecnológico, cercado de máquinas, aviões, viagens para o estrangeiro, ordens militares em um cenário que vem de um imaginário radiofônico e cinematográfico que invadia as cidades nordestinas nos anos quarenta e cinquenta. Como diz Dona Eudoxia na “música da raptada”

“Vou deixar meu lar paterno  
O berço em que nasci  
Vou me tornar eremita, papai,  
Do mundo já desisti  
Sou frustrada no amor, papai  
Pois não posso ser feliz.  
Eu só tenho meu avião  
Sei bem ele dirigir  
Vou viver pelo espaço  
Num vôo eterno, sem fim  
Vagando no infinito, papai  
É a sina viver assim”

Como aponta Marcos Cavalcante, que prefaciou a única edição em livro do Romance de Eudoxia (publicado em outubro de 2006, 53 anos após ter sido concluído e registrado em cadernos com caneta esferográfica, ilustrado por fotos e recortes de velhas revistas e jornais):

“A importância de Eudoxia ainda, infelizmente não reconhecida e não valorizada, é semelhante a de Dona Militana que é uma romancista muitíssimo conhecida e que teve a sorte de ser descoberta por um pesquisador do porte de um Deífulo Gurgel e que deu visibilidade a ela como interprete de romance. Dona Eudoxia é do mesmo modo tão importante porque é escritora de romance”.

Se Dona Militana mantinha o romance vivo através de sua voz, Dona Eudoxia mantém o romance vivo através da releitura e da atualização de seus tropos retóricos, mantendo-os pulsantes e atuais, criando, em nossa modernidade, um espaço para a permanência, um local para a tradição se reencontrar e se reconfigurar a partir das demandas desse tempo.

Mas renovação da tradição na cultura potiguar não vem apenas das formas literárias populares. Ela surge também com a assimilação do dedilhar das cordas dos violeiros do Nordeste e com a permanência, na nossa raiz sonora, do aboio arquetípico, que surge a partir de modos musicais bérberes do norte da África e que tempera essa busca do artista pelo seu próprio povo, por sua identidade, ao mesmo tempo em que dá vazão a seus anseios de liberdade e ferramentas para que ele responda aos desafios sociais e políticos do sertão do agora.

E é nessa fronteira – a da busca pela liberdade criativa, marca estética da liberdade social e política dos povos sertanejos - que homem e artista se coadunam, que tradição e modernidade confluem.

É assim que Hugo Tavares Dutra, radicado na mesma Santa Cruz-RN que deu abrigo a Dona Eudoxia Ribeiro, constrói sua labuta artística. Poeta, compositor, esse paraibano nascido em Brejo do Cruz, no ano de 1956, foi levado para morar em Catolé do Rocha aos 2 anos de idade, onde passou sua infância e adolescência. Aí, forjou-se na arte. “A música começou lá em Catolé do Rocha, nas feiras. Ouvindo embolador de coco, violeiros; ouvindo cantadores de feira, repentistas; ouvindo a rádio Alto Piranhas, de Cajazeiras; ouvindo a Rádio Rural de Caicó, a rádio Difusora de Mossoró. Os meus primeiros contatos com música foram esses.”

Por adoção “potiguar”, neologismo por ele criado, através do qual assume sua identidade potiguar, percebe-se não como um artista, mas como “uma pessoa comum, um cidadão, preocupado com a juventude, principalmente; com o Brasil; com a educação; com a

saúde”. Viu na arte o instrumento com que foi se “botando” no seu espaço, na sua comunidade.

Admirador profundo e pesquisador da obra e da vida de Fabião das Queimadas, Hugo Tavares é um artista que caminha na esteira da tradição musical nordestina, temperada pela estética da música de protesto. Como analisa o próprio Hugo, “na música não tem mais nada de novidade. Novidade na música é quando você pega um texto e nele você tem alguma coisa nova para ser dita. Mas na musicalidade já fizeram tudo.”

Para Hugo, o novo está ancorado no teor libertário que perpassa toda sua produção. E, logicamente, habitar uma região profundamente marcada pela política dos coronéis (o que já lhe rendera uma prisão por ousar montar uma rádio comunitária), conduz-lhe a garimpar as imagens que poderão romper as várias formas de grilhões.

“A arte, por mais simples que ela seja, desde que contextualizada para o soerguimento do ser humano, principalmente, vai encontrar espaço em qualquer lugar. Cantar uns versos como *‘Eu nunca vi constelação de patente/ orientar navegante/ nem dar luz a cantador’* é muito forte, vai deixando alguma coisa na cabeça de alguém e estimulando a quem está entrando nessa seara a cuidar para que a obra dele não seja descartável, banalizada. Então, se você como cidadão, tiver consciência do mundo, do que você pode contribuir, pode, através da arte, ser um instrumento desse.”

Sendo o próprio Hugo Tavares instrumento da arte, nestes versos de “Rebento potiguano”, por meio da metonímia sintetiza a condição de existência para todo artista: não abrir mão de sua identidade e de sua autonomia:

“O meu sotaque  
é daqui é soberano  
O meu eu é soberano  
É de pedra e de pó.”

Mas não é apenas o sertão do agora essa zona de fronteira em que os ecos do passado se revitalizam nos limites de um presente que exige novas respostas e roupagens para antigas tradições.

Nas proximidades da umidade litorânea mantem-se vivo o centenário Boi Pintadinho, folguedo nascido no sítio Breu, na cidade de São Gonçalo do Amarante as margens de um Potengi já cansado de guerra. Pelas mãos do Mestre Atanásio Salustino essa dança de origem Ibérica, surgida provavelmente do século XV, profundamente ligada ao ciclo natalino, mantem-se viva e em busca de renovação.

O Boi de Reis Pintadinho ganhou visibilidade quando estava sob o comando do Mestre Pedro Guagirú. Nesta época, o grupo teve participação de destaque no filme “Boi de Prata”, do diretor Potiguar Augusto Ribeiro Júnior, filmado em Caicó, Natal e Rio de Janeiro, produzido e distribuído pela EMBRAFILME.

Ao conversarmos com os atuais brincantes, agora comandados pelo Mestre Dedé Veríssimo, pudemos perceber que estes convivem com esta manifestação cultural desde meninos. Em São Gonçalo, era comum os pais levarem seus filhos para feiras populares onde, sentados em caixotes, as crianças podiam ver de perto a performance de artistas das mais diversas áreas: cantadores, sanfoneiros, ceramistas, louceiros, santeiros, mamulengueiros. Também iam atrás do Boi de reis, Pastoris e Babelôs. Esses brincantes, hoje em sua maioria adolescentes, parecem não se dar conta das profundas transformações ocorridas na representação do Boi de Reis Pintadinho.

Muitos sentem que as mudanças no velho ritual, derivado de um entorno marcado pela ruralidade, que duravam dez a doze horas de música, dança, bebida e comida, são perdas irreparáveis do boi. No entanto, o interesse da comunidade pelo folguedo, especialmente das crianças, mostra que é possível repensar ao lugar do Boi em um contexto contemporâneo, marcado pela urbanidade e pelo advento de novas formas de vida, cercadas pelo contato de novas mídias e de novas informações cênicas, poéticas e musicais.

Antes de preservarem o Boi como uma reminiscência, congelada em um molde folclorístico, marca morta de um mundo que se decompôs com o advento da urbanidade e da sociedades globalizadas, o Boi Pintadinho aponta para um outro espaço para a tradição do Boi de Reis em nosso estado.

Mas não são geográficos esses limites. Não são espaciais essas trincheiras. A zona de fronteira de nossos sertões do agora e de nossos litorais contemporâneos, é uma zona de convergência temporal, onde o eco de uma memória coletiva que habita o corpo, a voz ou a linguagem de nossos artistas, tenuamente se mistura com as reverberações de um mundo em violenta e constante transformação.

Antes de servir às ideologias de resistência e preservação nostálgica de reinos antigos, que provavelmente só existem na mente de autores fortes como Ariano Suassuna e Câmara Cascudo, os artistas potiguares com que o Portal da Cultura Potiguar até agora deparou mostram que fazem parte do seu próprio tempo e dialogam com esse tempo criativamente, sem medo de perder o fio da própria arte e os significados de sua própria e misteriosa identidade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, Douglas. A morte do Sertão antigo no Seridó: o desmoronamento das fazendas agropecuárias em Caicó e Floriania. Natal: BNB dissertações, 2006.
- AUGUSTO, José. Seridó. Rio de Janeiro: Borsoi, 1954.
- BEZERRA, Paulo. Outras cartas dos Sertões do Seridó. Natal, Edição do Autor, 2004.
- CASCUDO, Câmara. Viajando o Sertão. São Paulo: Global, 2009.
- \_\_\_\_\_. Contos Tradicionais do Brasil. São Paulo: Edusp, 1996.
- \_\_\_\_\_. Geografia dos Mitos Brasileiros. São Paulo: Edusp, 1983.
- CASTELLS, Manuel. O poder da identidade. Tradução Klauss Brandini Gerhardt. 6 ed. (A era da informação: economia, sociedade e cultura; vol. 2). São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- DAMASCENO, Eudóxia Ribeiro. As tramas da família Baianos. Santa Cruz: Supercópia Gráfica, 2006.
- FARIA, Juvenal Lamartine de. Velhos costumes do meu sertão. Natal: Sebo Vermelho/Coleção Mossoroense, 2006.
- GÓES, Moacyr de. De Pé no Chão Também se Aprende a Ler (1961-64) – Uma escola democrática. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980. (Coleção Educação e Transformação - vol. 3).
- GRONDIN, Jean. **Introdução à hermenêutica filosófica**. Tradução Benno Dischinger. São Leopoldo: UNISIMOS, 2003.
- JUNIOR, Durval Muniz de Albuquerque. O mundo é a aldeia, região e nação como espaços privilegiados nos estudos sobre cultura popular na península ibérica e no Brasil, no começo do século XX. In: Almir de Carvalho Bueno (ORG.) **Revisitando a História do Rio Grande do Norte**. Natal: Edfurn, 2009. p. 193 - 217.
- LOPES, Fátima Martins. Ordem e disciplina na construção do espaço urbano das vilas dos índios do Rio Grande (século XVIII). In: Almir de Carvalho Bueno (ORG.) **Revisitando a História do Rio Grande do Norte**. Natal: Edfurn, 2009. p. 53 - 83.
- MACDEDO, Helder Alexandre Medeiros de. Histórias indígenas no sertão do Seridó (séculos XVI – XX). In: Almir de Carvalho Bueno (ORG.) **Revisitando a História do Rio Grande do Norte**. Natal: Edfurn, 2009. p. 13 – 52.
- MEDEIROS, Tarcísio. Aspectos geopolíticos e antropológicos da história do Rio Grande do Norte. Natal: Imprensa Universitária, 1973.
- MELLO, José Octávio de Arruda. História da Paraíba: lutas e resistência. João Pessoa: União, 2002.
- PEDREIRA, Flávia Sá. Natal era só festa? – confronto de identidades durante a segunda guerra. In: Almir de Carvalho Bueno (ORG.) **Revisitando a História do Rio Grande do Norte**. Natal: Edfurn, 2009. p. 219 – 242.
- RODRIGUES, Wagner do Nascimento. Potengi: fluxos do rio salgado no século XIX. Natal: Sebo Vermelho Edições, 2003.
- TAVARES, Hugo. Eu voto. Tu votas. Ele(a)s se elegem. Santa Cruz, 2010. Projeto Cidadania e Eleição.

TINHORÃO, José Ramos. Pequena história da música popular (da modinha à canção de protesto). Petrópolis: Vozes, 1974.

TRINDADE, Sérgio Luiz Bezerra. Introdução à História do Rio Grande do Norte. Natal: Sebo Vermelho, 2007.